

TENTAÇÕES DO BOVARISMO NACIONAL.

VAMIREH CHACON
da Universidade de Brasília.

É muito fácil crer na eternidade das riquezas, e em sua forma social pretensamente indestrutíveis, apesar da lição da História e da advertência de Thomas Mann nos *Buddenbrooks*. . .

Todas as nações enfrentam seus momentos de Bovarismo. Não poderíamos ser exceção. Em nosso caso, o tamanho do território e a lenda do *Eldorado*, marcaram profundamente a imaginação brasileira desde o berço. Acostumamo-nos a superestimar nossas potencialidades, chegando mesmo a supor sua infinitude, além de projetá-las, antropomorficamente, numa atualidade que não tínhamos ainda efetuado, como se as riquezas fossem capazes de elaborar-se, sozinhas.

Os viajantes estrangeiros muito contribuíram para esta deformação, a partir do primeiro, Pero Vaz Caminha, com aquelas conversas mirabolantes sobre a exuberância da natureza brasileira. Os primeiros cronistas, ainda vinculados espiritualmente a Portugal, contemplaram o espetáculo, com assombro. Os iluministas tiveram de dedicar seu tempo ao combate pela Independência intelectual e política. Coube aos românticos o deslumbramento. Não o tendê e que se orgulhar da agricultura (Castro Alves nel a encontrou motivo para denunciar a escravidão), nem muito menos da indústria (incipiente, e a falência de Mau á era desanimadora), comoveram-se e diante da selva, das planícies, dos rios, das montanhas. Por coincidência, o índio lá morava e nada fez para transformá-los.

Deslumbraram-se tanto, que se sufocaram. O Ufanismo é a expressão máxima desta regurgitação. Vibrando com uma riqueza que não tinham construído, nutridos com o trabalho escravo e depois com o subpago, tranquilos na estabilidade e do auge da Monarquia, os donos do Brasil sonhavam. Criaram até um novo sistema ptolomaico, com o nosso país no centro do Mundo. Quase construíram mesmo uma Teologia, sob o *slogan*: "Deus é brasileiro". Na sua falta, con-

tentaram-se com os mitos, já bastante inverossímeis: Rui, "o maior", a Águia de Haia, indagando, arrogante: "Em que língua querem que eu fale?...". Ou Santos-Dumont, que fizera, mais uma vez, a Europa curvar-se ante o Brasil, segundo um sambinha, então muito em moda, de um tal Eduardo das Neves.

A natureza tambem era cúmplice do engano: sua fertilidade bastava para alimentar a pequena população até, pelo menos, a grande seca de 1877. Este fato o princípio da estretecer a confiança, então inabalavel do brasileiro nas infinitas bemesses do meio: um dos dogmas do Bovarismo. Euclides da Cunha contribuiu, ainda mais que Rodolfo Teófilo, para chamar a atenção das cidades para a situação real dos moradores dos sertões. Não estávamos mais diante dos idílios de Bernardo Guimarães. O Brasil começava a perceber que era pobre. O elogio de Stefan Zweig pareceu um escárnio, aos ouvidos dos que já tinham auto-crítica: está bem, o Brasil é o país do futuro; mas, o presente?...

Foi Lima Barreto quem primeiro aplicou, à nossa realidade, o conceito de "Bovarismo", haurido no livro *Le Bovarysme*, de Jules Gaultier:

"um curioso livro o que, se propondo revelar uma coisa já muito pressentida, entretanto, é dum a frescura de brisa fagueira dos poetas. Estu lendo e acho lisonjeiro para mim achar nel e vistas que já tinha sentido tambem" (1).

O Bovarismo acabou refugiando-se, cada vez mais, em círculos pequeno-burgueses; os industriais, agricultores, operários e camponeses bem que sentiam as dificuldades de um país imenso, onde as distâncias e as violências da natureza mais atrapalhavam, que ajudavam. A crescente concentração demográfica, desigualment e distribuida tanto no plano horizontal quanto no vertical, a sempre maior facilidade de comunicação por estradas, e depois pelo rádio e TV, e a diversificação de influências estrangeiras em ascensão, desejando ampliar órbitas e multiplicar aliados, tudo, enfim, foi contribuindo para aumentar a pressão de fora para dentro, no imenso território brasileiro. Passávamos a entender que o Brasil não era "o" país do futuro, po-

(1). — Nota do *Diário Íntimo*, Editora Mérito, São Paulo/Rio de Janeiro, 1953, p. 59, publicação póstuma por Francisco de Assis Barbosa que, na sua biografia, *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*, nº 70 da Coleção Documentos Brasileiros, Livr. J. Olympio Edit., Rio de Janeiro, 1952, aponta o "Antibovarismo de última fase da vida do escritor", na sua "crítica feroz" à megalomania dos melhoramentos "apressados, dos palácios e das avenidas — o que atrai a para a cidade milhares de trabalhadores rurais (artigo "Urbanismo e Roceirismo", de 1922, citado na p. 278).

rém "um dos", a o lado de muitos outros, alguns inclusive andando mais depressa que nós. Vei o a frustração profunda, resvalando no derrotismo: não o podíamos suportar a derrubada do nosso mito queridos. O tempo foi cicatrizando as feridas do amor próprio iludido. É começando a nascer, pouco a pouco, uma consciência crítica, ainda hoje inconclusa. At é a ís e percorreu um longo itinerário.

É de admirar que o Brasil tenha resistido.

Muitos sucumbiram, no ambiente criado.

Dáí o Bovarismo, pelo avesso.

Nelson Werneck Sodré mostrou a insistência no libelo contra o próprio Brasil, acusado repetidamente de mimetismo, e em Tobias Barreto, Sílvio Romero, Tavares Bastos, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Oliveira Vianna, Azevedo Amaral, Gilberto Amado, e em inúmeros outros (2). O que chegava a ser patológico, se abandonava o Bovarismo ufanista que pretendia combater: afinada de contas, o Brasil imitava, porque não tinha ainda condições para comportar-se e doutro modo, e críticos, deste teor, não o ajudavam muito a criá-las. Werneck Sodré definiu-os muito bem com a "literatura do preconceito". Preconceito, no final das contas, contra si próprios. E em favor de que? Praticamente de nada, num impasse.

Guerreiro Ramos esclareceu o assunto, e em poucas e incisivas palavras:

"... a transplantação foi um acidente inevitável da formação brasileira, um acidente normal e não patológico em todos os contextos coloniais. Rigorosamente, durante o período em que o Brasil foi colônia de Portugal a transplantação obedeciam e servia a um propósito pragmático e historicamente positivo. Graças a ela saltamos várias etapas de desenvolvimento, um território sobre o qual se distribuía uma tribo na idade da pedra lascada passo a passo e repentinamente para o plano da história européia. Não o seria através do menor crescimento ve-

(2). — *História da Literatura brasileira (Seus fundamentos econômicos)*, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro 1960, págs. 432-433; Werneck Sodré diagnosticou a origem da "literatura dos preconceitos" no que chamou "ideologia do Colonialismo" (pág. 444); Vide também *A ideologia do Colonialismo (Seus reflexos no pensamento brasileiro)*, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, Rio de Janeiro, 1961, onde é estudada, e em especial, Azevedo Couiinho, José de Alencar, Sílvio Romero, Euclides da Cunha e Oliveira Vianna. Roland Corbisier também se preocupa com o assunto na sua *Formação e problema da Cultura brasileira*, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, Rio de Janeiro, 1958.

getativo que este o poder ia ocorrer . A transplantação foi um expediente historicamente necessário para que estes e tornasse possível, a seu tempo , a nação brasileira " (3) .

Daí que não me incorpore à "literatura pejorativa" do libelo contra o pecado do Barroquismo . Esta deformação nos permitiu entrar no Mundo barroco da Revolução Comercial, embora de maneira míope, com o fato acontecer com todos os colonizados . A medida que o tempo passava , fomos aprendendo a escolher os antidotos — O Iluminismo, o Liberalismo , o Evolucionismo — embora quase sempre , desajeitadamente, com o acontecimento também com os autodidatas . Ao longo deste e doloroso processo , fomos aprendendo , e ainda não terminamos nosso ordálio . Precisamos suportá-lo num a linha ascendente e crítico-assimilativa, segundo ainda Guerreiro o Ramos define e em felizes palavras, até deixarmos de ser objeto , e tornamo-nos sujeitos da História mundial.

O motivo fundamental daquele derrotismo originava-se na construção de arquétipos imaginários do que deveria ser o Brasil, segundo os sonhos e condicionamentos sociais de cada escritor . Nesta projeção, havia muito *wishful thinking* frustrado, e facilmente explicável numa perspectiva de Sociologia do Conhecimento . Ora o mulato pobre e refugado pelo meio medíocre, como Tobias Barreto; ora o provinciano hepático e ansioso de afirmação, ao modo de Sílvio Romero; ora o intelectual urbano em estado de choque diante de uma realidade rural, no caso de Euclides; ou o liberal decepcionado do tipo de Tavares Bastos ; o republicano frustrado do port e de Alberto Torres , etc.

Claro que a motivação da "literatura pejorativa" não se esgota no subjetivo, nem muito menos, no pejorativo . Há muita coisa válida, penetrante , até mesmo profética, na suas intuições e generalizações, porque elas sofriam , quase sempre , de um simplismo impressionista desesperador , desembocando , quase invariavelmente , no derrotismo .

Uma atitude, porém, acabou salvando-os : todos eles eram profundamente brasileiros ; compreendiam que , acusando o Brasil , estavam , no final das contas , recriminando-se e também a si próprios . Daí que sofriam, admitindo implicitamente uma responsabilidade . Sua análise não era , portanto , impessoalmente destrutiva , ou a serviço de interesses estrangeiros e em desmoralizar o Brasil , para a melhor usarem . Ao modo da geração espanhola de 98, aqueles brasileiros poderiam dizer :

(3). — "O tema da transplantação e as entelequias na interpretação sociológica do Brasil", na revista *Serviço Social*, Ano XIV, Nº 74, São Paulo, 1954, pág. 75; tb, cit. por Wemeçk Sodré, *ob. cit.*, pág. 444,

doi-nos o Brasil. Não era m indiferente s a o se u drama , a o contrári o da maiori a bovaristament e contemplativa . Limitando-s e a sofrer , re-presentavam uma face das limitações totais do Brasil. Er a difícil pesquisar a s causas , diagnosticar o s males , sugeri r terapias . S ó o amadurecimento d o paí s conseguiri a efetua-los , o qu e tomav a tempo , n o qual este s críticos , mesm o amargos , s e inseriam . Pen a qu e ele s nã o tivessem aind a condiçõe s par a entender , n a su a plenitude , o signifi-cado d a propost a orteguian a d e salva r a circunstância , par a pode r salvar o protagonista .

Ao lad o do s pessimistas , mesm o geniais , j á havi a analista s mai s objetivos, embora sem tantas iluminações. Er a o caso de Antônio Pedro de Figueiredo — cujas críticas ao latifúndio e à monocultura, por exemplo, s e destacava m entr e a s do s seu s contemporâneos *quarante-huitards* mai s exaltados ; er a tambem o d e Mauá , mai s práctic o qu e teórico, embor a com o espírit o sempr e tã o lúcido ; o d e Nabuc o — sem deixar perder-se na eufori a olímpica do triunfo abolicionista , antes preferind o o s caminho s sociai s par a completar a obra d a emancipação do s escravos ; o d o Barã o d e Ri o Branco ; preferind o um pás-saro na s mãos , fixand o nossa s fronteiras , qu e doi s o u mai s voando , apenas emocionai s no s ataque s contr a o s anglo-saxônicos , j á entã o atuantes no Brasil. Enfim , er a o caso , mai s discreto , d e intellectuai s médios, d o port e d e Vicente Licínio Cardoso , compensand o com a objetividade imediata, a possível ausência de visões de águia.

E enquant o a s élite s chegava m à s sua s conclusões , a s massas , mais modestamente , atingia m tambem a s suas , embor a com repercus-sões tã o grandes , o u maiores , qu e a s da s classe s dirigentes , com frequência defasadas .

O Barã o d'Anthouard deixou registrad o qu e a s hora s d e trabalho do operário brasileiro oscilavam entre oito e doze, estand o a média em torno d e nove o u dez . A s mulhere s ganhava m a metade do s salários do s homene s e a s criança s quase um terço . E detem-se aí , n a sua descriçã o (4) . Pen a qu e nã o a tenh a prosseguido , deixando-no s sem um relato mais profundo do início da nossa Revolução Industrial, cujas miséria s n a Europ a e Estado s Unido s fora m fartament e documentadas.

As poucas greves , so b a Monarquia, multiplicaram-se n a República. Log o em 1891, rebentou a dos ferroviários da Central, imobilizando o tráfego ; e m 1900 , a do s estivadore s e do s sapateiros . N o ano seguint e a do s trabalhadore s da fábrica Tabacow, e de Diodatt o Leume & Cia , reclamand o aluguer e s atrasados . E m seguid a a do s

(4). — *Le progrès brésilien, (La participation de la France)*, Librairie Plon, Paris , 1911 , pág . 151 .

trabalhadores de pedreiras, acrescentando a reivindicação de horários fixos. Em 1903 estourou a maior de todas, até então, a dos têxteis, parando 25.000 operários durante 20 dias, pedindo a redução da jornada de trabalho para 9 horas e meia. Derrotada. Nova tentativa no ano seguinte, com êxito. Em 1905, greve dos ferroviários paulistas. Em 1906, a primeira greve geral em Porto Alegre; em 1907, pedreiros, gráfico e metalúrgicos bastavam ameaçá-la, para conseguirem a jornada de 9 horas. Em 1917, 18 e 19, o Brasil foi sacudido por uma tremenda onda de greves; a primeira de Pernambuco, e em 1919. Era mais repercussão da Revolução Russa, chegando a nosso país. A de 1905 também ecoou a nós, principalmente em São Paulo, onde as manifestações de dezessete liga operárias viram-se cercadas pela Polícia. Era perigoso comemorar até o 1.º de maio: nas suas vésperas, em 1894, a Polícia paulista prendeu nove operários italianos, e vários brasileiros, que preparavam seu programa (5).

As ideologias mais confusas e contraditórias animavam este ativismo: anarco-sindicalistas, tolstoianos, adeptos de Ferri, precediam os marxistas. Em 1919, a revista *Spartacus* — em memória de Karl Liebknecht e de Rosa Luxemburg — publicava o primeiro longo estudo de Lenin no Brasil: *A democracia burguesa e a ditadura do proletariado* (Tese apresentada ao I Congresso do Komintern, em março daquele ano).

Desde, pelo menos, 1883, que se discutia Marx no Brasil, e coube a Tobias Barreto iniciar o debate, em discurso na colação de grau dos bachareis, embora não chegasse a tornar-se um marxista, nem mesmo um socialista (6). Com o tempo, os grupos marxizantes assumiram a liderança, ou, no mínimo, a inspiração do movimento operário.

Olhando o fenômeno numa perspectiva objetiva, pode-se constatar que estas agitações fermentaram e prepararam o advento das reformas, mesmo parciais. Ranssimo os padrões do tipo de Carlos Alberto Menezes que, sob o influxo das idéias de Leão XIII, Owen, León Harmel e La Tour du Pin, iniciou na sua tecelagem de Camaragibe, no Pernambuco do fim do século passado, um a Corporação de Operários, que assegurava aposentadoria, férias remuneradas, seguros contra acidente de trabalho, tratamento médico e cooperativas de consumo, para os seus associados. Tudo pago, metade por metade,

(5). — Vide Hermínio Linhares, "As greves operárias no Brasil durante o primeiro quartel do século XX", in *Estudos Sociais*, N.º 2, Rio de Janeiro, julho-agosto, 1958, e *História das idéias Socialistas no Brasil*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965.

(6). — Comprevei-o na minha *História das Idéias Socialistas no Brasil* *ob. cit.*, p. 265.

por patrões e empregados. Experiência original, no Brasil, e ainda hoje à espera de um historiador.

A maior parte imaginava mesmo que a Questão Social fosse "um caso de Polícia", conforme frases que eu e fico u célebre. Quando as tensões atingiam um grau muito alto, a classe dirigente intervinha com um esquema "conciliador", onde o mais fraco acabava perdendo sempre. A mentalidade eclética dominante facilitava as "soluções" de compromisso, que visavam, no final das contas, enfraquecer a resistência do oprimido (7).

Até que se ergueu o grito, "Façamos a revolução antes que o Povo a faça", na realidade pronunciado, pela primeira vez, por Silva Jardim, no seu *Compendio de theoria e apresentações políticas destinado à propaganda republicana*, nas vésperas de 1889, sob a epígrafe:

"Façamos a República para evitar quanto possível a Revolução e, a todo o transe, a continuação da Anarquia".

Era mais uma vez, a ilusão de Reforma, ou Revolução, sem participação ativa do Povo, apenas com o seu consentimento, de cima para baixo. Isto explica o comportamento de muitos estadistas, da República "velha" por um aberto à transformação sócio-econômicas do país, a o modo de Getúlio Vargas, egresso do Positivismo castilhistas, e da sua pregação da ditadura republicana e científica.

Só na medida em que o quadro dirigente do Brasil forem capazes de participar do processo histórico, e de interpretá-lo, será possível uma crescente consciência crítica, e um fecundo diálogo com o Desenvolvimento global do país, de que é, dialeticamente, efeito e causa.

(7). — José Honório Rodrigues demonstra-o, em *Conciliação e reforma no Brasil (Um desafio histórico-político)*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965.